



SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 9

OBSERVAÇÕES SOBRE UM CASO
DE NEUROSE OBSESSIVA
[“O HOMEM DOS RATOS”],
UMA RECORDAÇÃO DE INFÂNCIA
DE LEONARDO DA VINCI
E OUTROS TEXTOS

(1909-1910)

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

SIGMUND

FREUD

OBRAS COMPLETAS VOLUME 9

**OBSERVAÇÕES SOBRE UM CASO
DE NEUROSE OBSESSIVA
[“O HOMEM DOS RATOS”],
UMA RECORDAÇÃO DE INFÂNCIA
DE LEONARDO DA VINCI
E OUTROS TEXTOS
(1909-1910)**

TRADUÇÃO PAULO CÉSAR DE SOUZA

UMA RECORDAÇÃO DE INFÂNCIA DE LEONARDO DA VINCI (1910)

TÍTULO ORIGINAL: *EINE KINDHEITSERINNERUNG
DES LEONARDO DA VINCI*. PUBLICADO
PRIMEIRAMENTE EM VOLUME AUTÔNOMO:
LEIPZIG E VIENA: DEUTICKE, 1910, 71 PP.
TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE* VIII,
PP. 128-211, E DE *STUDIENAUSGABE* X, PP. 87-159.

VI

Seria vão tentar ignorar que os leitores de hoje consideram de mau gosto qualquer patografia. O repúdio se encobre sob a objeção de que o exame patográfico de um grande homem jamais nos leva a compreender sua importância e sua obra; de modo que seria inútil pretensão estudar nele coisas que podem ser achadas em fulano ou beltrano. Essa crítica é tão claramente injusta, porém, que apenas como pretexto e disfarce podemos compreendê-la. A patografia não tem por objetivo tornar compreensível a obra de um grande homem; não se pode fazer a alguém a objeção de não haver realizado o que jamais prometeu. São outros os motivos reais dessa aversão. Nós os descobrimos quando ponderamos que os biógrafos se acham peculiarmente fixados em seus heróis. Com frequência, eles os tomaram como objeto de seu estudo porque já de antemão lhes dispensavam uma afeição especial, por razões atinentes à sua vida afetiva pessoal. Então se entregam a um exercício de idealização, que busca inscrever o grande homem na série de seus próprios modelos infantis, renovar nele, digamos, a ideia infantil do pai. Em prol desse desejo, apagam as linhas individuais de sua fisionomia, retocam os traços de lutas com resistências internas e externas em sua vida, não lhe toleram nenhum vestígio de fraqueza ou imperfeição humana e nos fornecem, então, uma figura ideal fria e estranha, em vez de uma pessoa com quem poderíamos sentir alguma remota afinidade. É lamentável que o façam, pois desse modo sacrificam a verdade a uma ilusão e descartam, no interesse de suas

fantasias infantis, a oportunidade de penetrar os mais fascinantes segredos da natureza humana.⁸²

O próprio Leonardo, em seu amor à verdade e ânsia de saber, não teria rechaçado a tentativa de discernir as condições para seu desenvolvimento psíquico e intelectual a partir das pequenas bizarras e enigmas de seu ser. Nós o homenageamos ao aprender com ele. Não afeta sua grandeza estudarmos os sacrifícios requeridos por seu desenvolvimento de criança a adulto e juntarmos os fatores que gravaram em sua pessoa o trágico signo do fracasso.

Devemos enfatizar que em nenhum momento incluímos Leonardo entre os neuróticos ou, conforme a expressão deselegante, “doentes de nervos” [*Nervenkranken*]. Quem se queixar de que nos atrevemos a aplicar-lhe concepções obtidas da patologia continua apegado a preconceitos que hoje em dia abandonamos justificadamente. Já não acreditamos que saúde e doença, normais e nervosos, devam ser diferenciados nitidamente e que traços neuróticos tenham de ser vistos como provas de uma inferioridade geral. Hoje sabemos que os sintomas neuróticos são formações substitutivas para certas repressões que tivemos de realizar no curso de nosso desenvolvimento de criança a adulto civilizado, que todos nós produzimos tais formações substitutivas, e que apenas o número, a intensidade e a distribuição delas justificam o conceito prático de doença e a conclusão de haver uma inferioridade constitucional. Segundo pequenos indícios na personalidade de Leonardo, podemos situá-lo na vizinhança do tipo neurótico que denominamos “obsessivo” e comparar sua atividade pesquisadora à “ruminação obsessiva” dos neuróticos e suas inibições às assim chamadas “abulias” dos mesmos.

O objetivo de nosso trabalho tem sido explicar as inibições na vida sexual de Leonardo e em sua atividade artística. Seja-nos permitido, para esse fim, sintetizar o que pudemos discernir sobre o curso de seu desenvolvimento psíquico.

Nada sabemos de suas condições hereditárias, mas percebemos que as circunstâncias ocasionais de sua infância tiveram efeito profundo e perturbador. Seu nascimento ilegítimo o privou da influência do pai até os cinco anos talvez, e o entregou à terna sedução de uma mãe para a qual era o único consolo.⁹ Tendo a sexualidade precocemente incitada pelos beijos da mãe, deve ter entrado numa fase de atividade sexual infantil, da qual uma única manifestação está seguramente documentada: a intensidade de sua pesquisa sexual infantil. Os impulsos de olhar e de saber^r foram maximamente estimulados pelas impressões da primeira infância; a zona erógena da boca recebeu um destaque que nunca mais abandonou. A partir da conduta posterior contrária — a enorme compaixão pelos animais — podemos concluir que fortes traços de sadismo não estiveram ausentes nesse período da infância.

Uma vigorosa onda de repressão deu fim a este excesso infantil e estabeleceu as predisposições que apareceriam nos anos da puberdade. O mais evidente resultado da transformação foi o afastamento de qualquer atividade grosseiramente sensual; Leonardo pôde viver de modo abstinente e dar a impressão de um indivíduo assexual. Quando as marés de excitação da puberdade tomaram o menino, não o tornaram doente ao obrigá-lo a formações substitutivas custosas e prejudiciais; a maior parte das necessidades do instinto sexual pôde ser sublimada em ímpeto geral de saber, devido ao precoce favorecimento da curiosidade sexual, escapando assim à repressão. Outra parte da libido, bem menor, permaneceu voltada para metas sexuais e representou a atrofiada vida sexual do homem adulto. Devido à repressão do amor pela mãe, essa parte foi levada a uma atitude homossexual e manifestou-se como amor idealizado a garotos. Continuou preservada no inconsciente a fixação na mãe e nas venturosas recordações do trato com ela; momentaneamente, porém, em estado inativo. Dessa maneira, repressão,

fixação e sublimação determinaram as contribuições do instinto sexual para a vida psíquica de Leonardo.

Após uma obscura infância, Leonardo nos aparece como artista, pintor e escultor graças a um talento específico, que pode ter sido reforçado pelo precoce despertar do impulso de olhar nos primeiros anos de vida. Bem gostaríamos de mostrar como o talento artístico deriva dos instintos psíquicos primordiais, se justamente nesse ponto não falhassem nossos meios. Contentamo-nos em acentuar o fato, já praticamente indubitável, de que a criação do artista também dá vazão a seus desejos sexuais, e lembrar, a respeito de Leonardo, a informação — transmitida por Vasari — de que entre seus primeiros esforços artísticos sobressaíam cabeças de mulheres sorridentes e garotos bonitos, ou seja, representações de seus objetos sexuais. Em plena juventude, Leonardo parecia trabalhar sem inibição. Tomando o pai como modelo na conduta exterior da vida, teve uma época de viril força criadora e produtividade artística em Milão, onde uma sina favorável o fez encontrar um sucedâneo do pai no duque Ludovico, o Mouro. Mas logo se confirmou nele nossa experiência de que a quase completa supressão da vida sexual real não proporciona as condições mais favoráveis para o exercício das tendências sexuais sublimadas. O caráter modelar da vida sexual se impôs, a atividade e a capacidade de decisão rápida começaram a fraquejar, a inclinação a ponderar e hesitar já se fez evidente e estorvou o trabalho na *Última ceia*, também determinando a sina dessa obra formidável, ao influenciar em sua técnica. Lentamente foi se realizando nele um processo que podemos equiparar às regressões dos neuróticos. O desenvolvimento que o tornou um artista na puberdade foi sobrepujado por aquele determinado no início da infância, que fez dele um pesquisador; a segunda sublimação de seus instintos eróticos retrocedeu ante aquela primordial, preparada na primeira repressão. Ele se tornou um pesquisador, primeiro a serviço de sua arte, depois independentemente e afastado dela.

Com a perda do patrono que substituíu o pai e o crescente ensombrecimento de sua vida, tal substituição regressiva ganhou espaço cada vez maior. Ele se tornou “*impacientissimo al pennello*” [muito impaciente ao pintar], como informou um correspondente da marquesa Isabella d’Este, que muito desejava possuir um quadro pintado por ele.⁸³ Seu passado infantil obteve domínio sobre ele. O esforço de pesquisa, que então substituiu a criação artística, parece reunir alguns dos traços que caracterizam a atividade de instintos inconscientes: a insaciabilidade, a implacável rigidez, a ausência da capacidade de adaptar-se às condições reais.

No auge da vida, logo após os cinquenta anos — num momento em que na mulher as características sexuais já regrediram e não é raro que no homem a libido ainda faça uma enérgica arremetida —, uma nova transformação sobreveio a Leonardo. Camadas ainda mais profundas de seu conteúdo psíquico tornaram-se novamente ativas; mas essa nova regressão beneficiou sua arte, que estava se atrofiando. Ele encontrou a mulher que lhe despertou a recordação do sorriso feliz e sensualmente arrebatado de sua mãe, e influenciado por isso reconquistou o ímpeto que o guiara no começo de seus esforços artísticos, quando representou mulheres sorridentes. Então pintou a *Monna Lisa*, *Sant’Ana com a Virgem e o Menino* e a série de quadros caracterizados pelo sorriso misterioso. Com a ajuda de seus mais antigos impulsos eróticos, teve o triunfo de mais uma vez superar a inibição em sua arte. Esse último desenvolvimento é obscurecido, para nós, na penumbra da velhice iminente. Antes disso, seu intelecto ainda fora capaz das mais altas realizações de uma concepção de mundo que estava bastante à frente de seu tempo.

Nas seções anteriores expus o que pode justificar essa apresentação do desenvolvimento de Leonardo, essa forma de subdividir sua vida e explicar sua hesitação entre arte e ciência. Se essas minhas explanações despertarem, mesmo entre

amigos e conhecedores da psicanálise, a objeção de que eu escrevi apenas um romance psicanalítico, responderei que não superestimo o grau de certeza desses resultados. Assim como outros autores, sucumbi à atração que vem desse homem grande e misterioso, em cuja natureza acreditamos perceber poderosas paixões instintuais que se manifestam apenas de modo curiosamente amortecido, no entanto.

Qualquer que seja a verdade sobre a vida de Leonardo, porém, não podemos encerrar nossa tentativa de examiná-la psicanaliticamente sem antes lidar com outra tarefa. Precisamos, de maneira bem geral, fixar os limites do que a psicanálise pode realizar no campo da biografia, para que toda explicação que não obtemos não nos seja apresentada como um fracasso. O material à disposição da pesquisa psicanalítica são os dados da história do indivíduo: de um lado, os acasos dos eventos e as influências do meio; de outro, as reações dele que nos foram transmitidas. Então, com base em seu conhecimento dos mecanismos psíquicos, ela procura sondar dinamicamente a natureza do indivíduo a partir de suas reações, busca desvelar tanto as forças motrizes originais de sua psique como os posteriores desenvolvimentos e transformações delas. Havendo êxito nisso, o comportamento de uma personalidade ao longo da vida é explicado pela ação conjunta de constituição e destino, forças internas e poderes externos. Se tal empreendimento não gera resultados seguros, como talvez ocorra no caso de Leonardo, a culpa não está no método inadequado ou defeituoso da psicanálise, mas no caráter incerto e fragmentário do material que a tradição nos fornece a respeito da pessoa. Portanto, o fracasso deve ser imputado somente ao autor, que obrigou a psicanálise a dar um parecer baseando-se em material insuficiente.

Mas, mesmo dispondo de um rico material histórico e lidando seguramente com os mecanismos psíquicos, em dois pontos significativos uma investigação psicanalítica não seria capaz de esclarecer por que o indivíduo desenvolveu-se

necessariamente de uma forma e não de outra. No caso de Leonardo, tivemos de sustentar o ponto de vista de que o acaso de seu nascimento ilegítimo e a excessiva ternura de sua mãe tiveram decisiva influência na formação de seu caráter e em seu destino posterior, já que a repressão sexual sobrevinda após essa fase infantil o levou a sublimar a libido em ânsia de saber e estabeleceu sua inatividade sexual por toda a vida posterior. Mas tal repressão após as primeiras satisfações sexuais da infância não era inevitável; talvez não tivesse aparecido em outro indivíduo, ou tivesse proporção muito menor. Temos de reconhecer, quanto a isso, um grau de liberdade que já não pode ser decifrado psicanaliticamente. Tampouco podemos afirmar que o desenlace desse empuxo repressivo era o único possível. Outra pessoa provavelmente não teria conseguido salvar da repressão a maior parte de sua libido, sublimando-a em desejo de saber. Submetida às mesmas influências de Leonardo, teria sofrido um permanente dano na atividade intelectual ou adquirido uma insuperável predisposição para a neurose obsessiva. Portanto, estas duas peculiaridades de Leonardo permanecem inexplicáveis mediante o exame psicanalítico: sua tendência muito especial para repressões instintuais e sua extraordinária capacidade para a sublimação dos instintos primitivos.

Os instintos e suas transformações são o limite do que a psicanálise é capaz de discernir. Daí em diante ela dá lugar à investigação biológica. Tanto a tendência à repressão como a capacidade de repressão nós somos obrigados a fazer remontar aos fundamentos orgânicos do caráter, sobre os quais se ergue o edifício psíquico. Como talento artístico e capacidade de realização se acham intimamente ligados à sublimação, precisamos admitir que também a natureza da realização artística nos é inacessível mediante a psicanálise. A pesquisa biológica moderna tende a explicar os traços principais da constituição orgânica de um indivíduo pela mistura de predisposições masculinas e femininas, com base em substâncias [químicas]; a beleza física de Leonardo e o seu canhotismo poderiam dar algum

apoio a essa abordagem.⁵ Mas não vamos abandonar o terreno da pesquisa puramente psicológica. Nosso objetivo continua a ser a demonstração do nexos, pela vida da atividade instintual, entre as vivências exteriores e as reações da pessoa. Ainda que a psicanálise não explique a natureza artística de Leonardo, ela nos torna compreensíveis suas manifestações e limitações. Parece, de fato, que apenas um homem com as vivências infantis de Leonardo teria podido pintar a *Monna Lisa* e *Sant'Ana com a Virgem e o Menino*, proporcionar aquele triste destino a suas obras e sobressair de tal maneira como investigador da natureza, como se a chave para todas as suas realizações e para seu infortúnio estivesse oculta na fantasia infantil com o abutre.

Mas não se deveria desaprovar os resultados de uma investigação que atribui às casualidades da constelação parental uma influência tão decisiva no destino de uma pessoa, que relaciona o destino de Leonardo, por exemplo, a seu nascimento ilegítimo e à esterilidade de sua primeira madrastra, *donna Albiera*? Acho que não, que não seria justo fazer isso. Considerar o acaso indigno de determinar nosso destino é simplesmente uma recaída na visão de mundo religiosa, cuja superação o próprio Leonardo antecipou, ao escrever que o Sol não se move. Ficamos ofendidos, naturalmente, de que um Deus justo e uma Providência bondosa não nos protejam melhor de tais influências no período mais indefeso de nossa vida. Nisso esquecemos que praticamente tudo na vida humana é acaso, desde o momento em que nos originamos através do encontro do espermatozoide com o óvulo — acaso, porém, que participa das leis e da necessidade da natureza e não tem nenhum nexos com nossos desejos e ilusões. Ainda pode ser incerta, em pormenores, a divisão dos fatores determinantes de nossa vida entre as “necessidades” de nossa constituição e as “casualidades” de nossa infância; no conjunto, porém, não cabem mais dúvidas sobre a importância justamente dos primeiros anos da infância. Todos nós ainda mostramos pouquíssimo respeito

para com a natureza, que, na sibilina afirmação de Leonardo — que nos recorda a frase de Hamlet — “é plena de infinitas razões que jamais entraram na experiência” (*La natura è piena d’infinita ragioni che no furono mai in isperienza*. M. Herzfeld, op. cit., p. 11).¹ Cada um de nós, seres humanos, corresponde a um dos inúmeros experimentos em que essas *ragioni* da natureza buscam penetrar na experiência.

1 Nas palavras de Jacob Burckhardt, citadas por Alexandra Konstantinowa, *Die Entwicklung des Madonnentypus bei Leonardo da Vinci* [A evolução do tipo da Madona em Leonardo da Vinci], Estrasburgo: 1907 (Zur Kunstgeschichte des Auslandes, n. 54)

2 *Egli per reverenza, rizzatosi a sedere sul letto, contando il male suo e gli accidenti di quello, mostrava tuttavia, quanto avevva offeso Dio e gli uomini del mondo, non avendo operato nell’arte como si convenia*. [(O rei ia muitas vezes amavelmente visitá-lo;) e ele por reverência sentava-se no leito, contando o seu mal e as circunstâncias dele, mostrava, todavia, como tinha ofendido Deus e os homens do mundo, não tendo trabalhado na arte como se devia]”, Vasari, *Vite*, LXXXIII, 1550-84.

3 *Traktat von der Malerei* [Freud cita a tradução alemã de H. Ludwig, 1909; o trecho foi aqui traduzido do original italiano, citado em duas versões italianas do presente texto: *Un ricordo d’infanzia di Leonardo da Vinci*, em *Opere 1909-1912*. Turim: Boringhieri, 1974, e, com o mesmo título, no volume *Psicoanalisi della cultura*. Milão: Oscar Mondadori, 1989].

4 Solmi, “La resurrezione dell’ opera di Leonardo”, no volume coletivo *Leonardo da Vinci, Conferenze fiorentine*, Milão, 1910, p.12 .